

MULHERES DE CONOTAÇÃO POLÍTICA EM MINAS GERAIS: DONA JOAQUINA DO POMPÉU, CHICA DA SILVA E DONA TIBURTINA DE ANDRADE ALVES

Autores: EDSON CARLOS RIBEIRO SILVA, ANGELA FRANCINE SANTOS MEDEIROS, ANGELA PATRÍCIA SOUZA, MARIA DE FÁTIMA GOMES LIMA DO NASCIMENTO

Introdução

Em Minas Gerais a Historiografia Tradicional tende a priorizar os homens como personagens principais da história política. Deste modo, este trabalho vem apresentar as mulheres de conotação política no estado ao evidenciar uma discussão que engloba os séculos XVIII, XIX e o século XX. Tempo de atuação de nossas personagens: Dona Joaquina do Pompéu, Chica da Silva e Dona Tiburtina de Andrade Alves. Este trabalho salienta os elos entre essas mulheres, que mesmo localizadas em processos históricos diferentes são grandes personalidades de seu tempo. Através da História das Mulheres, é possível discorrer sobre elas e analisar a representatividade que possuem e o lugar de fala na História, seja ele conquistado através de alianças, casamentos ou mesmo do trato para com a política. Baseando-se no fato de que a política está intimamente ligada ao poder e as formas de sua execução, utilizamo-nos das discussões de gênero para dar direcionamento as nossas abordagens, sendo imprescindível a utilização dos conceitos de História das Mulheres e de representação social. O reconhecimento histórico de Dona Joaquina do Pompéu, Chica da Silva e Dona Tiburtina de Andrade Alves as torna importantes protagonistas e merecem lugar de destaque nas discussões que envolvem política no estado de Minas Gerais e no cenário nacional.

Palavras-chave: D. Joaquina do Pompéu; Chica da Silva; D. Tiburtina; Gênero; História das Mulheres.

Material e métodos

Para esta pesquisa foram selecionadas algumas obras que tem como abordagem principal Dona Joaquina do Pompéu, Chica da Silva e Dona Tiburtina de Andrade Alves. As obras e estudos trazem de modo abrangente a vida das mulheres supracitadas, no entanto as mesmas fornecem informações importantíssimas sobre as mesmas, o que agrega ainda mais detalhes a pesquisa. As obras utilizadas são: Dona Tiburtina de Andrade Alves e a “Tocaia dos Bugres” no sertão nortemineiro, de Maria de F. G. Lima do Nascimento e Filomena L. C. dos Reis; Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: O outro lado do mito, de Júnia Ferreira Furtado; Sinhá braba: romance do ciclo agropecuário nas Gerais, de Agripa Vasconcelos; D. Joaquina do Pompéu Entre o passado e o presente – Pompéu/MG (1990-2015), de Nayara de Oliveira Souza e História das mulheres e do gênero em Minas Gerais, organizado por Cláudia Maia e Vera Puga.

Para a análise do material selecionado foram utilizados os conceitos de gênero de (Scott, 1995). Aqui empregamos o gênero como categoria de análise na busca pela desconstrução de determinismos, para entender o “modo como são construídos padrões referenciais do que se concebe como masculino e feminino”, na concepção de poder, sendo o “campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995. p.88). O gênero traz pra esta discussão o aspecto das relações e construções sociais do que é ser masculina e feminina no decorrer da história e dos seus processos históricos, na tentativa de superação de uma ideia de “condição feminina”, condição esta que é contraposta com as figuras femininas por ocupar lugar de destaque político-social tradicionalmente preenchido por homens.

Resultados e discussão

Dona Joaquina do Pompéu, Chica da Silva e Dona Tiburtina de Andrade Alves são três mulheres que marcaram a história do país e de Minas Gerais, cada uma a seu tempo e a sua maneira, no entanto todas atuaram no cenário político e suas ações refletiram paulatinamente em suas famas demasiadamente inquietantes. A história construída sobre estas mulheres nos permite variados caminhos de interpretação e conhecimento sobre suas vidas e atuações. Todavia, como se tratam de períodos históricos diferentes antemão é necessário conhecer um pouco mais sobre estas mulheres.

Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco nasceu em Arraial do Ribeirão Carmo, atual cidade de Mariana, MG aos vinte dias de agosto de 1752. Seus pais eram portugueses, Jorge de Abreu Castelo Branco e Jacinta Teresa da Silva. Com o falecimento da mãe em 1762 a família mudou-se para Vila de Pitangui. Casou-se com o Capitão Inácio de Oliveira Campos e arrendaram uma fazenda, onde começaram a construir um imenso patrimônio. Seu marido era Capitão-Mor da Guarda Três, assim a frequência de suas viagens era grande e conseqüentemente o período de afastamento da fazenda era longo. Essa ausência foi o que chamamos de gatilho para que Dona Joaquina começasse então a se destacar na administração da fazenda e de todas as atividades que a envolvessem. Sendo assim,

(...) Dona Joaquina, quando se casou foi aos poucos assumindo os negócios do casal, até passar a administrar tudo sozinha. Durante os anos que esteve no comando de suas propriedades, foi responsável pela ampliação de sua fortuna. Mas em contrapartida, dedicou - se também a criação dos filhos e netos. (...) Diante disto, percebemos que a matriarca se dividiu entre duas funções: a de fazendeira, e a de mãe. Se por um lado ela pode aparecer na historiografia como uma mulher que fugiu à regra de seu tempo, por outro ela enquadra-se perfeitamente no padrão feminino da América Portuguesa, de mulher dedicada à casa, à família e a Deus. (OLIVEIRA, 2016, p.11).

A fazenda de Dona Joaquina do Pompéu era dedicada à criação de bovinos, equinos e a grandes plantações de monocultura. Segundo Nayara de Oliveira Souza, 2016 Vila de Pitangui se torna palco do império e da influencia desta mulher, “é neste ponto da história da matriarca que seu nome ficará conhecido na capitania de Minas” isso se justificava graças ao fato dela ser “uma das comerciantes responsáveis pelo abastecimento de gêneros alimentícios de diversas vilas e arraiais”. Isso segundo a autora foi um dos grandes fatores que contribuíram para a construção da figura de Dona Joaquina do Pompéu. Ainda segundo Nayara de Oliveira Souza, quando ela se muda “ganha o apelido de “Joaquina do Pompéu”, uma referência ao local onde estava a importante propriedade”.

Na sequência histórica temos a figura de Francisca da Silva de Oliveira, mais conhecida como Chica da Silva, nascida em 1732 no Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, Minas Gerais. Chica da Silva passou sua adolescência no Arraial do Tijuco, era escrava doméstica de Manuel Pires Sardinha, sendo dele o primeiro filho de Chica. Depois de comprada pelo contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira estabelece uma relação de concubinato, assim que efetuada a compra, o contratador concede sua alforria, tal acontecimento já ressalta as diferenças existentes na relação de concubinato entre Chica e o contratador, das demais relações entre negros e brancos no Tijuco. Segundo Marcelo Moreira:

A estratificação social da sociedade diamantina era idêntica a da sociedade mineradora, em que se viam numerosos escravos na base, líberos, em número sempre crescente, um pouco acima, e brancos escalonados de acordo com o prestígio que lhes era outorgado pelo nascimento e pela riqueza, acima dos dois outros grupos. O número de forros, segundo censo de 1774, era alto a ponto de 56% dos indivíduos que chefiavam famílias no distrito diamantino se inserirem nessa designação. (MOREIRA, 2003, p. 219).

Esse era o contexto histórico no qual se insere Chica da Silva, uma negra que através do concubinato consegue ascendência social. O concubinato é relatado por Júnia Furtado como meio de ascensão social para das escravas, pois os filhos concebidos dessa relação geralmente recebiam a alforria desde o nascimento, entretanto a autora ressalta que essa relação não pode ser suavizada, um exemplo é que a maioria dessas escravas só conseguia a alforria depois do Senhor, morto, se a mesma não tivesse préstimos para o herdeiro. Logo, a informação sobre o fato de Chica da Silva receber a alforria no ato de sua compra ressalta o caráter diferenciado da relação estabelecida entre ela e o contratador. Chica possuía várias propriedades, roupas finas, joias, como também escravos demonstrava sua posição social. Quanto ao casamento, consideramos que a relação entre Chica e o contratador era estável, pois além de ser alforriada, usava o sobrenome “Oliveira” e acumulou patrimônio. Ela teve com o contratador muitos filhos, “em um período de 15 anos de relacionamento tiveram 13 filhos”. Todos receberam a alforria na pia de batismo e reconhecidos como herdeiros do patrimônio do contratador, fato que legitimava a certeza da paternidade.

Chica da Silva ocupou uma posição social que só era previsto a mulheres brancas. Além disso, circulou entre a elite, participou de encontros sociais, deteve o poder político e econômico e marcou a história. Foi por muito tempo um mito, em que teve atribuído o título de “promiscua, devoradora de homens, licenciada, sedutora”. Esses termos empregados para se referir a Chica revelam o quanto o preconceito racial não permitia a sociedade enxergar uma mulher negra em tão elevada posição social. Entretanto, mesmo que de forma mítica essa figura sobreviveu no imaginário brasileiro.

No século XX, outra mulher se torna importante perante a História; Tiburtina de Andrade Câmara. Nascida a dez de agosto de 1876, em São João Batista, hoje Itamarandiba - MG, cidade do Vale do Jequitinhonha. Era filha de fidalgos portugueses, no caso, do segundo casamento do Capitão Florentino Egídio de Andrade Câmara com Henriqueta Leocádia de Mello, filha única. Dona Tiburtina casou-se duas vezes, na primeira com seu primo, do qual se tornou viúva cedo. Casou-se posteriormente com o médico montesclarenses João José Alves, também primo em segundo grau, passando a assinar o nome como Tiburtina de Andrade Alves. Residiu em Montes Claros, onde constituiu sua família e exerceu suas atividades até a morte, atividades estas ligadas principalmente a política, onde é notadamente reconhecida.

Dona Tiburtina marcou a historiografia norte mineira, principalmente após o episódio conhecido como “Emboscada de Bugres”. O acontecido da noite de 06 de fevereiro de 1930 a colocou de fato na história de Montes Claros, do estado e do país, após essa noite segundo Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento,

“ela foi acusada por seus adversários políticos, partidários da Concentração Conservadora, de tentar assassinar o vice-presidente da República e candidato ao governo de Minas, Fernando de Mello Vianna e Manoel Thomas Carvalho Britto, chefe nacional da concentração conservadora. (...). Tiburtina passou a ser descrita na tradição oral e nos jornais regionais como uma mulher sanguinária, facinora e bandida”.

A imagem deturpada tomou conta das representações que envolvem Dona Tiburtina, segundo Denise Jodelet (2001), estas representações sociais podem ser compreendidas como uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada”, logo depreendemos que a sua “fama” disseminou-se rapidamente após o acontecido de 06 de fevereiro de 1930, quando ela passa a ser reconhecida e temida.

A construção histórica acerca dessas mulheres, mesmo pertencentes a processos históricos diferentes acabaram por se repetir. Essa questão nos incomodou, de modo singular e por isso procuramos entender como essas mulheres, em períodos tão diferentes, foram tão semelhantes. Levando em consideração estes aspectos identificamos tanto em Dona Joaquina quanto em Dona Tiburtina a ideia de “mulher brava”. Gilberto C. de Noronha (2015), quando se refere a Dona Joaquina, nos apresenta esse ideal de mulher brava do Sertão, sugerindo uma generalidade a essas imagens femininas sertanejas. Quando vemos Dona Tiburtina esse conceito “brava” reaparece, principalmente nas descrições orais sobre esta mulher como ressalta Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento. As descrições de desmandos e de crueldades são características preponderantes nas representações sobre estas mulheres e que também é comum a figura de Chica da Silva que possuía certa quantidade de escravos e para com eles não deixava de aplicar os métodos de castigo da época segundo os estudiosos do período e da própria Chica da Silva, como a historiadora Júnia Furtado. Uma questão extremamente forte é o imaginário construído sobre essas mulheres.

O Imaginário Social, fruto das reflexões do universo psicológico segundo Bronislaw Baczko (1984), são “aspectos da vida social, da atividade global dos agentes sociais” de modo que as “particularidades se manifestam na diversidade de seu produto”, produtos esses que culminam nas formas como essas mulheres foram representadas. Dona Joaquina aparece como dama do sertão e mulher “brava”, Chica da Silva aplicou castigos cruéis, e construíram a seu redor uma imagem de mulher vingativa e dissimulada, Dona Tiburtina também ganhou fama de mulher brava e que com sua influência liderou todo um partido e se fez reconhecida no país inteiro pela sua brutal selvageria, pelo menos nas representações sociais construídas pelos jornais da época (06 de fevereiro de 1930). Dona Joaquina e Dona Tiburtina exerceram explicitamente a política em seus atos, principalmente no que tange as construções de fortes ligações políticas. Uma pauta nos casamentos de seus filhos, ao criar elos de grande força e poder político. A outra ao exercer influência sobre um “curral eleitoral” de cerca de mais de duas mil cabeças, suficientes para eleger qualquer candidato que quisesse, respectivamente. Não bastando isso essas mulheres ainda fogem do modelo cordial de mulher que segundo Margareth Rago desembocam na criação de um novo termo; coronela. Apesar de irem contra o sistema patriarcal de seu tempo, essas mulheres acabaram por ainda se tornarem reflexo do sistema patriarcal ao qual pertencem. Um exemplo claro disso é o exercício da maternidade que nenhuma das duas deixou de exercer, pelo contrário são reconhecidas por este aspecto, a boa criação de seus filhos.

A maternidade é um ponto que une as três mulheres em questão. Sendo assim, além de grandes personalidades essas mulheres foram mães e mantiveram firmes as tradições nas criações de seus filhos, a moda da sociedade tradicional de cada período em que atuaram. Dona Joaquina foi mãe e grande fazendeira, grande articuladora política usando a formação de alianças de famílias através dos casamentos de seus filhos, Dona Tiburtina foi grande personalidade política e chefe de partido, mas que também procurou estabelecer a união de famílias com os casamentos dos filhos com essas famílias influentes. Já Chica da Silva, apesar de ter sido mãe, assim como as outras duas, legítima sua influência política quando tem o reconhecimento de seus filhos e o mito de sua personalidade dissimulada é desconstruída através dos registros dos seus zelos maternos, onde a pífia mulher negra é colocada em cheque e surge então uma nova personalidade a mulher nobre comum a seu tempo, porém com uma diferença, ela era negra. O papel de feminilidade e de mulher somente é validado a essas três mulheres a partir da maternidade, pois anterior a esse fato elas são consideradas muito a frente de seu tempo e até postas em dúvida sobre serem realmente mulheres.

Considerações finais

A história tradicional negligenciou alguns aspectos das vidas de Dona Joaquina do Pompéu, Chica da Silva e Dona Tiburtina, aspectos estes que foram resgatados e colocados em evidência nos estudos sobre a História das Mulheres. Estas mulheres assumem importantes papéis políticos, sem deixarem, no entanto, de serem mulheres, pois aos olhos da história dos grandes feitos e dos grandes homens elas não são consideradas e nem notadas, logo não se mede importância. Entretanto, vale a pena salientar o papel dessas mulheres na história, como agentes, como sujeitos e como parte integrante da mesma. Ao dilema de entender as lacunas e colocar em evidência essas mulheres, que foram por tanto tempo, descritas como coadjuvantes, mesmo sendo protagonistas, fazemos o uso das palavras de Michelle Perrot “os silêncios eram essas mulheres e cabe a nós então perceber que elas estavam ali, mesmo que negadas.” Os destaques políticos obtidos então devem ser notados e entendidos, muitas vezes, nas entrelinhas da história, fazendo-se necessário saber que, Dona Joaquina, Chica e Dona Tiburtina, viveram, marcaram e exerceram a política, nas suas mais

Referências bibliográficas

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: O outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Família e relações de gênero no Tejuco: O caso Chica da Silva*. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, n. 24, p. 33-74

MAIA, Cláudia ; PUGA, Vera. *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Mulheres, 2015. 552 p.

Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento. *Tiburtina de Andrade Alves: entre o discurso e a realidade*. ANPUH - XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Disponível em <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1397.pdf>> Acesso em agosto de 2017.

MOREIRA, Marcelo. Resenha: FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. POLITEIA: Hist. e Soc, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 213-221, 2003.

NORONHA, G. C. Joaquina do Pompéu: Sinhá Braba ou Dama do Sertão. In MAIA, Cláudia; PUGA, Vera. *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Mulheres, 2015. 552 p.

OLIVEIRA, Laizeline Aragão. D. Dona Joaquina do Pompéu: comércio e poder na América Portuguesa (1764-1824). Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2012. Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/1331601/nos-dom%C3%ADnios-de-dona-joaquina-do-pomp%C3%A9u>> Acesso em 14 Ago. 2017.

OLIVEIRA, Laizeline Aragão de. *Nos domínios de Dona Joaquina do Pompéu [manuscrito]: negócios, famílias e elites locais (1764-1824)* / Laizeline Aragão de Oliveira – 2012.

SCOTT, Joan wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, RS. 20(2), p. 71-99, jul./dez. 1995.

VASCONCELOS, Agripa. *Sinhá braba: romance do ciclo agropecuário nas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.